

PQ
9261
M388
R45
1822

MEM

ESTUPIDEZ



MELLO FRANCO



MR 15105

General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.

1892

637

14

nosibsM - risno

U

U

355

M

A.S.U

A
ESTUPIDEZ
P O E M A

E M
T R E S C A N T O S .

✓
Mello Franco, Francisco de



L I S B O A :

NA IMPRESSÃO DE JOÃO NUNES ESTEVES.

A N N O 1822.

Rua dos Correiros, N. 144.

General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, Wisconsin 53706-1494
U.S.A.

1994

1994

1994

1994

1994

1994

1994

Mem
PQ
9261
M388
R45
1822

5579443

1502055 III

PROLOGO.

*Rien est si beau le vrais
Le vrai seul est aimable.*

Boileau Ep. 1. V. 13.

Vai, ó Poema não digo, discorrer pelo Universo, porque sei q̄ estás escripto em Portuguez; mas ao menos corre as mãos de todos esses, que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde já huma desgraçada sorte: serás praguejado, e por muitos redusido a cinzas, que até irão deitar no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses ha alguns, ainda que poucos, que folguem de ver a yerdade com seus próprios vestidos; não receies penetrar os mesmos Claustros, ahi he que te pronóstico os nacres desprezos. Affirma pois a esses ho-

* 2

mens, que o teu Auctor venera os seus Sanctos Instituidores; que só deseja que aquelles, que se prezão de ser seus filhos, fossem vivas copias suas; porque então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige he ver, que os que por voto devem ser pobres, humildes, e castos, são os mais regalados, que lhes custa muito cumprir o voto que fazem. Pergunta-lhes como será possivel ver de sangue frio a hum Monge, a hum pobre de J. C., robusto, gordo, e capaz de vender saude, ás costas de dous homens pela Couraça dos Apostolos acima até ó pateo das Artes: Dize-lhes que bem sabem, que he o Mestre do Hebraico o Sr. D. J. de tal Irás ter ás mãos de muitos que te censurem de pouco verdadeiro, porque a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão que, para dizer tanto he preciso, ou não ter noticia da reforma, ou ser mal dizente por officio. A estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se hum homem sepultado nas trevas, no mais profundo somno, rodeavão-no por todos os lados mil perigos, e despinhadeiros; compadecido outro do miseravel estado, em que se achava aquelle desgraçado, foi desperta-lo para o pôr fóra dos perigos, que o cercavão, tinha já dado o bemfeitor alguns passos; mas de repente lhe falta a vida, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado, sem guia, caminhando de precipicio em precipicio: pergun-

ta-lhes pois quando era mais desgraçado este homem, se no tempo, em que esteve engolfado no seu lethargo, se quando se vio só acordado nas trevas? Não te canses em fazer a applicação que he manifesta; dize sómente qual o fructo, que d'aquí tirão os Legistas he a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jámais saberem, enfarinhados unicamente em quatro petas [expressão delles] de Direito Romano; nem sabem Direito Patrio, nem Politico, nem o das Gentes, nem Politica, nem Commercio, nem finalmente cousa util: Que os Canonistas sabem daqui com o Cerebro emhruteccido com tanto Decreto de Graciano, sem critica, sem methodo, engolindo com alguns verdadeiros immensos Canones apóchryfos; dando aos Papas, a torto, e a direito poderes, que lhe não competem por titulo algum, e esbulhando os Reis dos que por direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, acrescenta-lhes só que he melhor entrar em huma casa vasia, do que n'huma cheia de trastes velhos, e desconcertados, aonde reina a desordem, e a confusão, e a immundicia; debes porém confessar, que a Reforma trouxe á Universidade as Sciencias naturaes, que na verdade tiverão, e tem ainda alguns Mestres dignos de tal nome, mas que estes ficão submergidos pela materialidade dos companheiros [que fazem a maior parte] que para os distinguir he necessario ter a vista bem aguda tanto reina a Estupidez.

Adverte enfim, que não reparem em não fazer menção dos Senhores Theólogos, devendo estes ser os primeiros; porem = ex fructibus eorum cognoscetis eos = e invertendo = ex illis cognoscetis fructus eorum = O Ceo te leve a mãos, que te não dêm logo tyranno garrote antes de seres lido por algum que te propague.

Difficile est
Satyram non scribere.

Si Musa vetat, facit
indignatio versus.

Natura negat ?

Juven. Sat 1. N. 80.





CANTO PRIMEIRO.

Não cantò aquelle Heroe, pio, e valente,
 Que, depois de ter visto a cara Patria
 A cinzas redusida, e campo razo,
 Mil prigos contrastando, hum Clima busca
 Aonde com os seus ditoso seja:
 A mólle Estupidez cantar pertendo,
 Que, distante da Europa, desterrada
 Na Lusitania vem fundar seu Reino.
 Dicta-me ó Musa, que eu não posso tanto,
 Os nobres feitos, os diversos casos,
 Que esta grande empreza acompanhárão.
 Hum feio monstro de cruel figura,
 Desgrenhado cabello, vsgos olhos,
 Disforme ventre, circular semblante,
 Da lugubre caverna onde jazia
 Bocejando sahio, e longo tempo
 Nas visinhas Montanhas reparando.
 Estas vozes soltou de magoa cheias:

Luzes, que, dissipando a fusca névoa,
 Com que a recta rasão manchada fica,
 Com propias cores a verdade pintão.
 Da Gallica Nação ligeira, e douta
 Mil pragas vomitando fogem todas.
 Iradas, inda mais ligeiras, busçãõ
 A Britanica gente: ataques novos
 Em conselhos dispoem, ferve de novo
 Nos bravos corações rancor funesto,
 Fulminão tudo, a toda a parte correm.
 Mas que importa se ati, profundo povo,
 Brilhantes apparencias nunca illudem!
 Se por entre a verdade, e o falso buscas
 Manifesta divisa, e só descansas
 Quando das causas tens a sã medulla!
 Desesperão de ti as Furias logo:
 Voão, não fogem desta gente dura
 A que intractavel e ferina chamão.
 Vão discorrendo pelo frio Norte,
 Aqui, ali combates novos dando:
 A Deosa tutelar, vendo com susto
 Que alguns dos seus a vacillar começãõ;
 Que se deixão levar de vis enganos;
 Convoca em continente ao seu Congresso
 Aquelles, que sustentão fortemente
 O seu brilhante e magestoso throno.
 Alumnos meus, mas não, não disse tudo.
 A fallar principia desta sorte
 " Amados filhos que da infancia tenho
 " A meus peitos nutrido, e com disvello
 " A vós, e a vossos Pais tenho livrado

• Da vil escravidão, em que os tivéra
 • A froxa Estupidez já n'outro tempo:
 • Sabereis, que este Monstro bafejado
 • De muitas furias, que tornar-lhe jurão
 • Seus antigos dominios, disfarsado,
 • Armando laços, entre vós passeia,
 • A vosso lado noite e dia vela,
 • Mas de modo tem sido os seus encontros.
 • Que entre vós sinto algum já titubiante.
 • Que magoa a minha, que pezar não fôra
 • Se em triste captiveiro ainda vos visse
 • Comigo ingratos, para vós tyrannos,
 • Ao Leão rugidor, que em torno gira
 • Constantes resisti: as almas fortes
 • Com fantasticas sombras não soçobráo,
 • Qual douto Capitão que descortina
 • Ardillosas silladas do Inimigo
 • Na vossa frente pellejando marchô.
 • Victoria conseguiu já delle a França;
 • Outro tanto tem feito a gente Ingleza. ”
 Com estas vozes tal esforço inspira
 Nos vacillantes peitos que, ligados,
 Hum Corpo fazem, como nunca, firme.
 De novo as furias seus ardis empenhão,
 Multiplicação combates, dobrão forças
 Mas a sabia cohorte a peito aberto
 Sem p'riço alcança a vencedora palma:
 Qual annoso Carvalho, cujos ramos
 Quanto as raizes vão minando a terra
 Despreza immovel a soberba furia
 Dos ventos furibundos que o combatem:

Vendo sem fructo seu trabalho, as furias
A certo aceno se congregão todas
Em occulto lugar onde só morão
As negras sombras da tristonha noite.
A Raiva então, de cujos vesgos olhos
Scintila o odio, e a cruel vingança,
Assim aos outros falla em tom irado.
» Será possível, que hum poder tão forte,
» Qual he o vosso, e qual o meu conheço
» Em nada páre! Que nenhum effeito
» Haja destas fadigas resultado! »
Ao lado chora, sem dizer palavra,
Aflicta a Estupidez, e largo espaço
Aguda magoa poem nas lingoas freio:
Se não quando, depois de feita a venia
Deste modo começa o Fanatismo.
» A vosso, e a meu pezar já tendes visto
» Que suãos em vão: Minerva impera
» Os duros peitos desta gente infame.
» Deixemos pois estes gellados Climas
» Bem digna habitação de taes cabeças.
» Daqui fujamos para o Meio Dia
» Paiz de toda a Europa o mais ditoso.
» Aqui mais resistencia não teremos.
» O Povo habitador deste terreno,
» A pezar de contrastes já passados,
» A meu mando vivêo sempre sujeito.
» Não chores, cara Irmã, o teu Imperio,
» Segundo creio, lá verás fundado:
» Fugir, fugir desta inimiga terra. »
Todas a huã voz promptas concordão

* 7 *

Da fria Região logo deserto,
E sobre as azas dos ligeiros ventos
As amenas Hespanhas vão buscando,

Fim do Primeiro Canto,



CANTO SEGUNDO.

Era alta noite, e o engeitado Inverno
 Já começava a sacudir as azas,
 Que ao sereno gotejão frio orvalho;
 Dormia tudo, e só nas ermas ruas
 Errantes cães ladrando s'encontravão.
 Foi então que a Lisboa rica, e vasta
 Em segredo baixou o bando infame.
 Se á soberba Madrid primeiro irião
 Hesitarão, em quanto o Fanatismo
 Não decidira que no Luso Reino,
 Como mais certo; começar devião.
 Por atôrdo commum assentão todos
 Que aos publicos lugares com disfarces
 Ir sem demora devem, porque espreitem
 Que diz o vulgo, que censura o sabio;
 Huns que murmurão no actual Governo
 O que outros louvão: d'esta sorte podem
 Cahir melhor no que fazer se deve:

Dispersas pelas praças vão notando
As praticas diversas, a que assistem
Não só ouvindo, mas tambem seu voto,
Como a bem lhes fazia, declarando.
Não deixão sem visita parte alguma:
De formas differentes se revestem
Já d'homem, de mulher, de moço, ou velho;
De Casquilho, de Frade, ou de Jarreta,
Segundo julgão que requer o caso.
Nesta pesquisa muitos dias andão
Até que chega o desejado instante,
Em que havião proposto se ajuntássem
Para em pleno Conselho darem conta
Do que ouvirão dizer, do que fizerão,
Em occulto lugar, que não perturbão
Nem o tropel dos anafados machos,
Nem das veloces rodas o ruído,
E nem do Povo o baralhado tracto,
Lugar que fica alem do claro Tejo,
As vagas sentinellas se congregão:
Duvidão dentre si qual dellas hade
Dár primeiro razão do que passarão:
Da sua parte cada qual recusa,
Mas nisto a Raiva impaciente falla;
" Não noteis companheiros, que eu primeiro
" Tome mão da palavra, serei breve,
" Nem deve para nos haver cerimonia:
" Por mil sitios andei, andei de noite,
" Assisti huã vez a hum cazo grande:
" Era hum Cadete de figura esbelta,
" Que dizião ser filho de tal Conde

„ Vestido muito bem de ponto em branco,
Huma espada tremenda tinha á cinta
Toda de prata, sem senão lavrada:
Para mais casquilhar era Soldado,
De Guerra não sabia a menor cousa,
Porem de namorar todos os modos
Manejava melhor que o seu florete,
Em que muitos progressos tinha feito;
Na Assembleia passava as noites todas,
E n'ella com respeito era escutado:
Assentava consigo que nos olhos
Trazer devia as settas de Cupido,
Pois para requestar qualquer Senhora
Não precisava mais que pôr-lhe a vista.
Encontra por acaso hum velho grave
Com a sua familia passeando;
A huã filha pelo braço tinha,
Por bella conhecida, e que trazia
Havia tempo ao tal Cadete lonco:
Apenas a conhece em torno gira
Hum dito solta, e outro disfarçado;
Na filha inquietação o velho nota,
No Mancebo repara, e em seus gracejos:
Diz-lhe que o deixe, e que não seja tolo,
Que, a não serem os annos, se vingara.
Do comprido florete tira logo
O bravo Militar enamorado:
Quer defender-se o vacillante velho,
A dois passos porem ferido cahe:
Acode muita gente, mas fogoso
Destroça tudo, e impunemente leva

Entre o tumulto a aturdida Moça :
No fundo do seu peito o Velho geme,
Ao Ministro se queixa magoado:
Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
Propõe-lhe queira ao Pai levar a filha:
Qual sibilante cobra, cuja cauda
Pizou incauto o frôxo caminhante;
Assim no Militar se accende a ira,
Descompõe o Ministro; e, se não foge,
Não voltaria como foi inteiro.
Pelo successo espera o Pai aflieto,
Em resposta o Ministro só lhe torna.
Amigo, são Fidalgos, tenho feito
Da minha parte o que fazer podia,
Para os pequenos só as Leis tem força.
Folguei de ver esta ousadia, e força,
Que nas outras Nações jamais notaa.
Vi de noite roubar, tambem de dia.
Huma forte quadrilha de Marujos
He quem faz por ali maior fachina,
Nada medo lhes poem, zombão da ronda,
Que de vis çapateiros he composta,
E d'outros taes que dormitando levão
Por espadas, espêtos ferrugentos.
Isto vi companheiros, e mais casos,
Que não refiro, por não ser extensa.
Logo a Superstição em pé se pôz,
Mas fazendo primeiro mil monices
O chão prostrada por tres vezes beja,
Outras tantas rosmando certas cousas
Faz sobre o coração quinhentas cruces:

Debaixo da camiza tambem tira
Huma grande almofada, que constava
De muitas orações, muitas reliquias,
Já contra os maleficios, contra a peste
Com muitas contra a tentação da carne:
Beja, e rebêja o venerando Breve,
E com os olhos para o Ceo erguidos
Com o mesmo se benze immensas vezes.
Deste modo disposta principia
A dar conta fiel do que passára.
Tão outro Pórtugal agora vejo
Que o mesmo não parece. Quem diria
Que estas pobres mulheres, perseguidas
Do Dragão infernal, em pouco tempo
Havião de encontrar pelos Conventos
Prompto soccorro a seus crueis tormentos!
Mal haja esse Judéo, esse tyranno,
O Paulo de Carvalho, homem ferino,
Que ás tristes prohibio este remedio.
Já não he Camaradas como d'antes;
Fui aos Frades Capuchos quarta feira
Que cousas lá não vi edificantes!
Na Portaria estavão certamente
Para cima de cem, ou mais mulheres,
Humas em convulções, outras zurrando,
Cousa má na verdade parecia.
Appareceo depois hum Frade idoso
Vinha de estolla armado, e pela cara
Julgavão todos que já era hum Santo.
Não era destes Frades, que caprichão.
Em trazer os çapatos de camurça

Muito amarellós, e o calcanhar burnido,
Que o cabello penteião, que arregação
O escovado burel quando passeião:
Este não era assim, de muito estudo,
Via pouco, seus oculos trazia,
E cuidava nos habitos tão pouco
Que no peito trazia de simonte
Mui boa quarta, se não fosse arratel.
Apenas se avistou, humas entrarão
A fazer-se em pedaços, outras davão
Horrendos uivos, como caens famintos:
He dôr do coração ver taes martyrios!
Suspenso esteve o Frade muito tempo
Para todas olhando, e de repente
Em profundo silencio ficou tudo:
N'hum Livro entrou a lêr primeiro baixo,
Mas depois, carregando as sobancelhas,
C' huma vóz de trovão irado lia:
Aqui he que foi pena: d'improviso
Todas quebrarão o silencio a hum tempo;
Taes urros, taes bramidos atroavão
O Claustro todo, que inda hoje tenho
De susto o coração como abafado.
O Frade cada vez mais lhes gritava
Batendo com o pé que se callassem:
E a muito custo accomodou a bulha.
Suspiravão sòmente enternecidas,
Como quem d'um combate se livrara.
O Exorcista já lia com vóz mais mança
E benzendo-as tres vezes só lhes disse
Que se fossem na páz de Jesu Christo.

Humas após as outras em fileiras
Pondo em terra o joelho a manga beijão,
E com grande mesura se despedem.
Não pára aqui sómente a caridade
Do bom Religioso, d'outro lado
Affictas Mães com os filhos entre os braços
Ante os pés do Exorcista os appresentão:
Humas lhe dizem que crueis lombrigas
As pobres criancinhas martyrisão:
Outras lhe pintão os horrives damnos
Que aquelles innocentes recebião
D'huma sua visinha, geralmente
Por bruxa, e feiticeira reputada:
Promptamente as benzêo, e com brandura
E exhortando-as com palavras breves
Que tivessem fé viva; em fim lhes disse
Que de seu Santo Padre se lembrassem.
Desta longa fadiga descansava
Já no seu aposento o bom Fradinho,
Quando o Porteiro a tod'a pressa o chama;
Huns poucos de Gallegos carregados
De presuntos, peruns, e de bom vinho
Pelo Padre Exorcista perguntavão:
A sua caridade isto lhe rende,
E sêr entre os seus Padres respeitado.
Lisboa já não he, torno a dizer-vos,
A mesma que ha dez annos se mostrava,
He tudõ devoção, tudo são Terços
Romarias, Novenas, Vias Sacras,
Aqui he nossa terra, aqui verêmos
A nossa cara Irmã cobrar seu Reino.

Afina Hypocrisia he quem se segue
C'os olhos baixos, macilento rosto,
Longos vestidos de côr parda, e negra,
A fazer sua venia se levanta:
Depois em voz submissa assim começa:
A Cidade corri, e tive o gosto
De vêr por quasi todos praticadas
As maximas subtis, que lhes prégava.
No publico Passeio, onde concorre
A mais luzida gente desta Corte
Huma tarde me achei, e perto estavam
Quatro sujeitos de figura sèria
Em quanto ali se via reparando:
Dizia hum delles »: vejão bem, amigos,
Os ocôs cascos destes dous mancebos:
Em lugar de topetes concertados,
Medonhas conchas de revelhos Cágados
Das injurias do tempo lhes defendem
As vaidosas cabeças: os vestidos,
Se não tem as feçoens cá nos sovacos
São vestidos de Ginja, ou de Jarreta,
No embigo o espadim atravessado,
Por calçoens Hollandezes, calças trazem,
Gemem os pobres pés dentro das tallas.
Dos lustrozos Çapatos carregados
Do pezo enorme das luzentes placas,
Casquilhar á Malteza a isto chamão.
Muitos dias não ha que a moda chefe
Era o contrario do que vemos hoje.
O ter de Portuguez o nome indigno
He a pena maior, que me atormenta,

Nomear Portuguez a qualquer homem,
 He fazer-lhe a maior descompustura
 Que pode proferir a aguda lingua
 D' huã regateira enfurecida:
 He chamar-lhe, sem duvida, macaco,
 Somente imitador dos vãos caprichos
 Das estranhas Naçoens, não das virtudes:
 Sem rebuço, he chamar-lhe hum ignorante
 Hum tôlo confirmado, que não sabe
 Nem Artes, nem Sciencias, nem Commercio.
 Misteravel Nação que cegamente
 Os Tesouros franqueia aos Estrangeiros
 Por fitas, por fiellas por voltantes,
 E por outras immensas ninharias!
 Nistó estava inflamado o homem, quando
 O fio lhe curtou aos seus discursos
 O estrondo que fazião nas calçadas
 As fumegantes rodas d' hum Carrinho:
 Quatro aseados membrudos Moços
 Promptos saltando da encarnada taboa
 Ajudão a descer hum gordo Bispo,
 Que na Corte se achava com licença;
 Vinha todo de seda vestido, e do pescoço
 Huma cruz lhe pendia cravejada
 De luzidas saphiras, e brilhantes:
 O Magestoso anel cegava os olhos,
 E pouco menos as fiellas de ouro:
 O austero censor ficou pasmado
 A mirar o Prelado passeando;
 Depois com vozes d'azedume cheias,
 Para os outros se volta, assim dizendo:

Oh costumes! Oh tempos primitivos!
Tempos, em que o Pastor só differia
Do seu rebanho pelas sãs virtudes,
Pela vida exemplar, com que os guiava!
Quem o Santo Evangelho lê attento,
Do Supremo Pastor quem lê a vida,
A presença de hum tão vaidoso Bispo
Como pode levar à paciencia?
Se o venerando Apostolo das Gentes
Aqui apparecesse, poderia
Por Companheiro ter hum homem destes!
O Grande Paulo, que o enrugado rosto
Todos os dias de suor banhava,
E, para não servir jámais de pezo
Aos seus caros Irmãos, antes queria
Ganhar escasso pão com seu trabalho:
Santa Religião! Tempos ditosos!
Ou tu não es a mesma, ou teus Ministros
De Pastores o nome não merecem!
Nesta prática sempre os quatro Amigos
Se forão com a noite retirando:
Não fiquei do discurso satisfeita:
A horas, em que o Bispo já dormia,
Medonha, e enormissima figura
Tomei, e como setta despedida
A seu riço aposentor fui direita.
Estirado em Colchoens de branca pluma
Em profundo silencio repousava.
Mil divertidos, e agradaveis sonhos
Ao redor do semblante lhe voavão:
Huns a bella assembléa das Senhoras

Outros o Wist., e o bom Café pintando
Depressa os fiz fugir, e promptamente
Seu lugar occupando, este Discurso
Em breve lhe intimei com vóz horrivel.
He possivel que durmas descansado,
Sem te lembrares do que diz o povo
Do teu modo de vida, do teu fausto?
Não digo que pratiques fielmente
As maximas austeras do Evangelho;
Para teres de Santo o nome honroso,
Não precisas de tanta austeridade.
Embora te regales, te divirtas
Ainda mais, se he possivel, do que nunca,
Mas nisto deve haver certa medida.
Sê embora hum velhaco, hum Libertino,
Hum Lobo tragador do teu Rebanho:
Mas devem outras sêr as apparencias;
D'outro modo serás mal reputado,
E muita duração os teus prazeres
Não podem têr, se não mudares logo.
Do brando leito espavorido salta,
Na visão acredita, e volta prestes
Em menos d'oito dias ao Bispado.
Em modesta Liteira então passeia:
Aos pobres manda dar todos os dias
Seu caldo ao jantar, e ás terças feiras
Déz reis a cada hum, sendo aleijados.
Dizendo que occultava muitas cousas
Acaba de fallar a Hypocrisia.
Tão sómente restava o Fanatismo
Que tinha sobre todas a ascendencia

E d'quella palestra a Presidencia.
A vossa expozição, assim começa,
Com prazer escutei: Tudo promette
Hum exito feliz á nossa empreza.
Aquelle furioso, e ardente Zelo,
Que em Pariz fez correr rios de sangue
Na celebrada noite dos Francezes;
Aquelle matador, e fero genio,
Que os duros Castelhanos animava
A regar de Indiano sangue, hum dia,
O Mexico, e o Perú; entre este Povo
Agora mesmo sujeitar podia
Hum Inglez, hum Gentio, hum Mahometano;
[Se as Leis Civis o não vedassem tanto,]
Com a mesma presteza assassinados
Aqui serião, como hum cão se mata;
Pois por alma de cão qualquer he tido
Que a Santa Fé de Roma não professa.
Agora pois só resta que assentemos
Se deve ser aqui, ou em Coimbra
A nossa cara Irmã enthronisada.
Nesta Corte, annos há, se tem fundado
Huma cousa chamada Academia;
Mas isto, quanto a mim, sem differença
He hum corpo sem alma, que não pode
Produzir acção propria; ou hum fantasma,
Que em bem poucos minutos se dissipa.
O meu voto he que vamos demandando
O mesmo assento, donde foi lançada
A mansa Estupidez injustamente:
Cobrar novos esforços he preciso

Que por fim a victoria está segura.
Todos a huma voz nisto concordão:
Entre tanto saltava de contente
A molle Estupidez com taes rizadas,
Que nos montes visinhos retumbavão.





CANTO TERCEIRO.

DO fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada:
Pelo cume soberbo d'alto monte,
E pelas faldas, que o Poente avistão,
Vai-se ao longe estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas agoas;
Defronte outra montanha senhorêa
A liquida corrente dividida
De longa ponte pelos grossos arcos,
Apraziveis campinas, ferteis valles
Do crystalino Rio retalhados,
Em torno a cercão, aos habitantes dando
Os mais bellos passeyos do Universo.
Da fronteira montanha, que dominão
Dous famosos Conventos, se desfructa
A linda perspectiva da Cidade,
Que tem tanto de bella, quanto dentro,
Immunda, irregular, e mal calçada.

A terra he pobre, e falta de Commercio,
 O Povo habitador he gente infame
 Avarenta, sem fé, sem probidade,
 Inimiga cruel dos Estudantes;
 Mas amiga das suas pobres bolças.
 Aqui de muito tempo está fundada
 A nobre Academia Lusitana.
 O Monstro, que he dotado de cem olhos,
 Que ao longe ayista os mais pequenos vultos,
 Que debaixo do tecto mais forrado
 Nada se passa, sem lhe ser notorio:
 O monstro, que por outras tantas bôças
 Quanto sabe, e não sabe poem patente,
 Aqui em altas vozes apregôa,
 Que vein a Estupidez em breve tempo
 Seus Dominios cobrar, e seu Diadema
 Armada de terrivel companhia,
 Na minha fantasia accende, ó Musa,
 Hum fogo vivo; poem na minha lingua
 Expressivas palavras, com que pinte
 As proesas, que vou dizer agora.
 A Academica gente alvoroçada
 Não pensa, não conversa n'outra cousa.
 Em quasi todos geralmente reina
 Excessiva alegria, e nos Conventos,
 De que consta a Cidade em grande parte,
 Mandão os Guardiaens que os Refeitórios
 De mais vinho, e presunto se reençhão.
 Da Universidade o grande Chefe
 Hum Claustro Universal convoca logo,
 P'ra qu' em Pleno Concelho votem todos

O que deve fazer-se neste caso.
Em comprido Salão, cujas paredes
Ricamente compostas tem por ordem
Dos Lusitanos Reis proprios Retratos,
Em soberba cadeira se apresenta
O Reitor, e por hum, e outro lado
Os Lentes, e Doutores assentados,
Segundo o vão capricho o destinára,
E a dár seu parecer se apromptão todos.
Tira nisto o Barrete o Presidente,
E ao Lente Primaz de Theologia
Aceña, que comece, logo, feita
Ao Congresso em geral submissa venia,
O seu voto profere nestes termos.
Muito Illustres, sabios Academicos,
Por Direito Divino, e por humano.
Creio que deve ser restituída
A grande Estupidez á Dignidade
Que nesta Academia gosou sempre.
Bem sabeis quão sagrados os direitos
Da antiguidade são: por elles somos
Ao lugar, que occupâmos, elevados.
Occulta vos não he a violencia,
Com que foi esbulhada desta posse
Vós testemunhas sois dos sentimentos
Com que a vimos partir tão despresada,
Porem sempre, a pezar do seu desterro,
Constante tributei dentro em meu peito
Homenagens devidas, a quem fôra
Na minha infancia carinhosa mestra,
E na velhice singular patrona;

Entrai pois, Companheiros, em vós mesmos,
Ponderai sem paixão para que serve
As pestanas queimar sobre os Auctores,
A estimavel saude arruinando?
Levêmos este tempo em bom socego,
Divertir, e passear alegremente.
Acaso precisaes de mais Sciencia?
Se os dias desta breve, e curta vida
Tivessemos com os Livros perturbado,
Teriamos acaso mais Prebendas,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
De que podem servir estes estudos,
Que mais da moda se cultivão hoje?
A barbara Geometria tão gabada,
Que mil proposiçoens todas hereticas
Aqui faz ensinar publicamente,
Sabeis para que presta neste mundo?
A sua utilidade temos visto
Diga-o a Inquisição; e mais não digo.
Os Goticos estudos nunca ouvidos
Nos tempos, em que tanto florescia
Hum Seara maior do que o seu nome,
Hum Pupilo, hum Fr. Paulo de S. Mauro
Que sempre chorarão os Frades Bentos!
Historias Naturaes, Anatomias,
Chimicas, Fronomias, e outros nomes
Difficeis de reter, são as Sciencias,
Que vierão trazer os Estrangeiros.
Há coisa mais cruel, mais deshumana,
Mais contraria á rasão, que ver os Medicos
Hum Cadaver humano espatifando ?

Hum Corpo que habitou o Espirito Santo?
Nunca tal praticaste, ó grande Lopes,
Quando pelo Natal em hum Carneiro
O bofe, o coração, as tripas todas
A teus habeis discipulos mostravas.
Quem pode sem desprezo ver hum Lentã
D' immensos Estudantes rodeado
Pelos campos vagar, alli colhendo
Humã ervinha, huma ffór, hum gafanhôto,
Acolá com o fuzil ferindo as pedras?
Deixemos pois hum dia, ó sabia gente,
Estes prestigios, que nos tem cegado.
Ponhâmos como dantes estas cousas
Em seu antigo sêr: como bons filhos
Recebâmos a nossa Protectora:
O que foi sempre seu em páz governe.
Qual sussurrante enxame, que em tumulto
Segue a vereda que seguio a mestra,
Assim dos Fradês todos, e dos Becas
Seguio a turba ò explanado voto.
Alguns destes talvez quizesse oppor-se,
Mas d'hum Collega refutar os dictos
Da honra do Collegio he menos cabo.
A porção principal tinha votado,
Faltava a outra, que em despreso he tida,
Lentes de capa, e espada são chamados,
Que aos Collegios não tem algum accesso,
Nem recolhem da Igreja os doces fructos.
Mas, chegando a Tyrcéo homem singelo,
Que seus dias consome sobre os Livros
Contemplando a profunda Natureza,

D

Os longos cumprimentos põem de parte,
 E com voz resoluta assim começa:
 Não he a gloria vã de distinguir-me,
 Que me obriga a encontrar a tantos votos,
 Que, por serem conformes, talvez sejam
 Ao parecer de muitos, verdadeiros.
 A gloria do meu Rei, o amor da Patria.
 São dous fortes motivos, que m'impellem
 A dizer francamente quanto pensô.
 Trazei Sabios Ilustres á memoria
 Aquelle tempo, em que contentes vistes
 Ao grande, invicto, ao immortal Carvalho
 As vezes de seu Rei representandô,
 Da quelle Sabio Rei, cujo retrato
 Ainda agora me anima, e me dá forças,
 Para que em seu favor, e em sua gloria,
 Derramandô meu sangue, exhale a vida.
 Vistes o grão Marquez, qual Sol brilhante
 Da escura noite dissipando as trevas,
 A frôxa Estupidez lançar ao longe,
 Erigir á Sciencia novo Throno
 Em sabios Estatutos estribado.
 Das vossas mesmas bocas retumbarão
 Canticos de louvor nestas paredes.
 O triumpho cantasteis na presença
 Do zeloso Ministro respeitavel.
 Que differente linguagem hoje escuto!
 Como he possível que sem pejo, ou honra
 O contrario digaes do que disesteis?
 As sublimes Sciencias da Natura
 Como podeis tractar com tal desprezo?

O' tu, sombra immortal, ó grão Ministro,
 Da face do teu Deus onde repousas,
 [A cabeça abanou, deo tres cuadas
 Ouvindo esta blasfemia o bom Bustoque]
 Vem hum instante apparecer agora
 Aqui nesta Assembléa, e destas bocas,
 Que em teu nome entoavão tantos hymnos
 Ao heroico triumpho das Sciencias
 Blasfemias ouvirás... Mas ah! não venhas,
 Nem permitão os Ceos que tanto saibas.
 Que dôr a tua, que afflicção não fôra
 Ver sem fructo as vigílias, os trabalhos
 Que por zelo da Patria padeceste!
 Ver sobre tudo ingratos, e falsarios
 Que, affectando apparencias de alegria
 Do fundo do seu peito idolatravão
 A molle Estupidez como huma Deoza!!
 Se o mesmo, que entãq eras, hoje fosses,
 Quizera o Pai da Patria que tivessem
 Com a tua presença vallidade
 As minhas vozes, o meu zelo ardente.
 Ainda reinará, com magoã o digo,
 Na nossa Aademia essa Tyranna,
 Essa vã Divindade; mas protesto
 Que nem hoje o approvo, e que inimigo
 Hade em mim encontrar, em quanto o sangue
 Seus circulos fizer neste meu corpo.
 Se algum de vós, Illustres Companheiros,
 Comigo pensa, sem temor exponha,
 A pèzar da torrente, os seus discursos,
 As almas Varonis nunca temerão,

Ainda á vista dos maiores perigos,
Pela gloria da Patria, e da verdade
Expôr a vida, e derramar o sangue.
Ao dizer estas vozes se arrazarão
De lagrimas seus olhos, e as palavras
Já prezas lhe ficavão na garganta.
Os homens grandes, os Varoens preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
A bem da humanidade os estimula.
Nos animos Fradescos, e nos Becas
Contra Tyrcéo hum tal rancor fervia,
Que vivo o tragarião, se a presença
Do serio Presidente o permittisse.
Disfarçando porem com rizo e mofa
A dissonante falla receberão.
Acabou-se a função, e timorato
Nada decide o Reitor do que se faça
Erá já noite, e nos Collegios ambos
Exquisitos manjares esperavão
Aos rubicundos, e nutridos Becas.
Nos Conventos porem cousa mais grossa,
Em que o dente atolar-se, preparavão:
Famosas postas de Vitella tenra
Sobre as brazas chiavão nos espêtos:
Perús assados, e tremendos quartos
Do bom Carneiro por mil modos feitos:
Muito vinho, prezunto, erão as massas,
Com que os seus Refeitorios adubavão.
Em quanto os outros com prazer comião,
E á saude da Deosa grandes cópos
De bom vinho enxugavão: pensativo

O tímido Reitor escrupoloso
Passeia as Salas todas, tẽ que chega
O Patricio a saber se quer a cêa
Sua Excellencia, que já erão horas.
Responde-lhe que não, que estava afficto,
E os motivos lhe conta, consultando-o.
He bom caso, Senhor! Vossa Excellencia
O que deve fazer ainda duvida?
Depois de sêr d'hum voto tanta gente
Tão sábia, tão distincta, pouco importa
O que diz ineia duzia desses homens,
Que apenas são por Lentes conhecidos.
Côma Vossa Excellencia alguma cousa,
Durma, que tudo em páz ha-de fazer-se.
Assim o consolou o bom Mordomo:
Sua Excellencia mais quieto fica,
Hum pouco come, e no seu brando leito
Vai alivio buscar ao seu cuidado.
As Furias, que em Coimbra já se achavão,
Que no Claustro Geral tinhão estado,
Do famoso Orador pondo na lingua
Palavras, que ao seu caso mais fazião,
Ao sombrio lugar onde descança
O languido Morphêo ligeiras voão:
Nunca alli penetrou a luz da Aurora:
Em perenne repouso dorme tudo.
Sómente os frescos Zefiros brincando
Com suave sussurro as folhas movem:
Murmura ao longe cystalina fonte,
Escabrosas pedrinhas volteando,
Sobre viçosa relva recostado

Entre rubras papoulas, verdes mirtos
 Nada presente o Deos do que se passa:
 Entrão depressa no saturnio bosque
 Já quasi dormitando as flores colhem,
 Que a molle cabeceira lhe formavão.
 Dos somniferos ares se retirão,
 E de improviso ao bello quarto chegão,
 Onde ainda preplexo o Presidente
 Com os olhos no tecto vigiava.
 Mal das flores se espalha o grato cheiro,
 Bocéja, estende os braços, adormece.
 O Fanatismo, então tomando a forma
 D'hum pequeno rapáz, gordo, e risonho,
 Junto ao leito voltêa em curtos giros,
 E com doces palavras assim falla.
 Não te assustês, ó homem venerando,
 Eu não sou cousa má, que te appareça:
 Tuas altas virtudes me encaminhão
 Dessa dúvida vã a por-te fóra.
 Aos Lentes, e Doutores, e Estudantes
 Ordena que á manhã de tarde saião
 A receber em Prestisto pomposo
 A nobre Estupidez: fazeilhe as honras,
 Que lhe são por direito bem devidas.
 Com mais se não cançou o Fanatismo,
 Pois sahir com a sua não duvida,
 Nem Minerva subtil, e poderosa
 Aqni já lhe fazia a menor guerra:
 Como a gente rebelde, e refractaria,
 Deixou por huma vez os Portuguezes
 Com a sua ignorancia, e prejuisos

Docemente abraçados . . . Nisto acórda
O Devoto Reitor, e inda imagina
Que hum Divino clarão no Quarto brilha.
Da cama salta, e a toda a pressa manda
Que venha o Secretario, e os Escreventes.
Hum comprido Edital se lavra logo,
Que as Ordens da visão continha todas
Pelas mesmas palavras, que elle ouvira.
O Douto Secretario, que em Aveiro
Alçou já vara branca, o = Subscripsi =
Poem no fim do papel, e o Presidente
Por extenso se assigna em letra grande.





[CANTO QUARTO.

A penas o Edital se poem na porta
 Da Grande Sala, que nos Actos serve,
 Entre o Corpo, que fórma a Academia
 Hum novo reboliço, hum alvoroto
 Geralmente se move; não se fião
 Na fé dos que referem a noticia;
 Desejão com os seus olhos ver a nova,
 Que tão doce alegria lhes motiva.
 Deixão os Estudantes nos Bilhares
 A Partida no meio, e perturbados
 Da Capa lanção mão, como succede;
 Mas o dono da casa, que o barato
 Não dá por bem parado, chama, e grita:
 Parceirinhos, pagar: nada me importa
 Que venha a Estupidez, ou que não venha.
 Dão-lhe dous encontroens, por terra o lanção,
 E a qual primeiro para a rua correm

E

Outros no Set' hé ponto extasiados,
 No Wisth, no Marimba, e mais na Banca
 Os Dados com as Cartas deitão fóra:
 Já mais os obrigou a tanto excesso
 Nem do lúgubre Sino o toque infausto,
 Que os chama ás Aulas, nem tão pouco a Ama
 Com a nôjenta Cêa ao lume posta,
 Praguejando a tardança, e quem lh'a causa,
 Nem ainda á venal, immunda Mõça,
 Que fritada os espera a certas horas.
 Tal a cega paixão, o vil apêgo,
 Que estes míseros moços tem aos vícios,
 Esta gente revolta, e mal crêada,
 Tão soberba, e viciosa; entre tantos
 Apenas se acharião; a muito dóze,
 Que o nome d' Estudantes merecião.
 A ler o Edictal chegãõ a montes,
 E batendo nas palmas, bravo! bravo!
 Oh que ferias agora não terêmos!
 Ao vir a Estupidez, dizem saltando
 Nos Collegios, Conventos, e nas Casas.
 Os Doutores, os Frades, e Estudantes
 Disputãõ sobre o caso, e mil Castellos
 A' cerca do futuro levantando,
 Melhorar de fortuna todos cuidãõ.
 Nestas gratas ideas se recreiãõ,
 Até que o Sino grande brada o chama,
 Que nonhãõ todos, que he chegada a hora,
 Em que o novo Edital cumprir se deve.
 Promptamente concorrem: e, marchando
 Ao rude som d' ingratos Instrumentes,

Vão a Deosa esperar além da Ponte.
Inda bem só Convento Franciscano
O Préstito não chega, eis de repente
Huma nuvem brilhante veem ao longe
De luses e estrellas esmaltada,
No meio hum Throno ricamente feito,
E a molle Estupidez sentada n'elle.
Entre tanto apparato lá disfarça
A sua horrenda, e natural figura:
He todo traça das astutas Furias.
Mansos ventos curvados encaminhão
A magestosa pompa: em terra póstos
Os soberbos joelhos, com as palmas
Para o Ceo levantadas se admirão
De ver baixar com tanta magestade
A Deosa Tutelar da sua Athenas
Brandamente ondeando a nuvem pára,
D'onde com o Reitor os Lentes todos
Com o queixo cahido presencêão
Tão grande, e nunca vista maravilha.
Tem de recato hum sumptuoso Palio,
Com que a Deosa recebem reverentes.
Cousa a mais espantosa! D'improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue.
A frôxa Divindade por três vezes
Com alegre semblante a todos lança
Huma Benção Papal, como a bons Filhos.
Os Denatos repicão á contenda,
E as descaradas moças dos Conventos,
E pelas Freguezias vis garôtos;
Ninguem s'entende com tamanha bulha.

A's janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso Povo.
Entretanto com passo vagaroso
Duas compridas alas se encaminbão
Ao antigo Mosteiro, que disfructão
Os Reverendos Cruzios, satisfeitos
De hospedar esta noite a Protectora
De sua Sancta Casa, e á portaria
Com alegres festins he recebida:
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em função de barriga, e de badalo
Fazem os Frades consistir a Festa;
Mas o pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser dezeja,
De novo ordena que se apromptem todos,
Que na manhã seguinte bem montados
Havião conduzir á Academia
A Regia Estupidez, sua Senhora;
Assignála tãobem os Oradores,
Que havião celebrar tão grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De mochila exerceo o nobre cargo,
Toma a seu cargo aprestar as bestas.
Ainda descansava a rôxa Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos Doutores despedação
A fortes golpes de calhãos tremendos.
Abrem, a seu pezar, os frôxos olhos
Estas almas ditosas engolfadas
Em mil ditosos, e felices sonhos;

Mas não vendo luzir o Sol nas fresta;
 Querem b' somno agasalhar de novo.
 De Balde querem, que os valentes moços
 Cada vez as pancadas mais duplicão.
 Há tal que a mil diabos encomenda
 Os lacaios; e quem lh'os manda á porta,
 Por vêr o seu descanso interrompido,
 E o seu somno de boas doze horas;
 Mas em fim o motivo he forte, e justo,
 E, para apparecer á Divindadé,
 Lhe he perciso o cabello bém composto,
 A batina escovada, e a volta limpa,
 Cousa; em que dispendem largo tempo.
 Cada qual accado, o m'is que póde,
 Vai buscar o Reitor, é em companhia
 De huma rica Bêrlinda a seis tiradá,
 No Pátéo de Sancto se ajuntão todos:
 Os soberbos Capellos alli tomão,
 Brancos; Verdes, Vermelhos, e Amarellos,
 Azul ferrete, ou claro; o mesmo as Bortas,
 Por humilidade os Frades só Barrete.
 Em grandes duas alas repartidos
 Os barrigudos, e vermelhos Monges
 Acompanhão saudosos esta grata,
 E d'elles sempre amada Padroeira.
 Reverentes a mão todos lhe bejão,
 E a todos vão lançando a Santa Benção.
 Chega em fim o Prior, e allí prostrado,
 O' Deosa, assim lhe diz, ampara, e zelá
 A estes filhos, que te adorão tanto:
 Por ti deste socego he que gosâmos;

E *

Esta forte saude, esta alegria
Desfructâmos por tua alta bondade.
Seria para nós ditosa sorte,
Se fizesses aqui tua morada;
Mas por que sômos nisso desgraçados,
Benigno influxo sobre nós derrama,
Que a nossa gratidão será constante.
Abraça-o ternamente a Divindade,
Diz-lhe que se console, que ella sempre
Nos seus olhos trazia a tão bons filhos.
A nobre Comitiva dos Doutores
Entre os braços a toma; e qual primeiro
Se encaminha á Berlinda, que recebe.
Logo montados pelas ruas tomão,
Que são de maior Povo frequentadas:
Huns d'encarnado vão todos cobertos,
Altivos, soberbões comsigo assentão
Que não há no Universo outras Figuras
De mais contemplação, de mais respeito.
O vermelho durante ás bestas serve
De compridas gualdrapas; outros picão
O feroso Cavallo, quando passão
Pela porta de tal, e tal Senhora;
De preto muitos vão; porem os Frades
Vestem ao mesmo tempo muitas côres
Branco com preto, azul, ou encarnado,
Se tu, o Grão Fidalgo de la Mancha,
Famoso D. Quixote, esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
A' sem par Dulcinéa a quantos destes
Render-lhe vassallagem mandarias?

Tu, que não perdoaste aos pobres Frades,
 Conduzindo a cavallo, por ser longe,
 Entre archotes, e vélas hum defunqto,
 Que os fizeste voar de susto, e médo
 Pelos campos, e montes, que farias
 A esta encamisada de Doutores?
 Por gente feiticeira, e endiabrada,
 Por máos encantadores os terias;
 Como taes o furor do Rucinante,
 Do elno de Mambrino as influencias,
 O pezo do lançaõ soportarião.
 Musa, renova aquelle voraz fogo,
 Que tu fizeste arder na sabia mente,
 Não digo de mas do activo,
 E discreto Diniz na Hysopeida;
 Renova, em quanto acabo, que a pirguiza
 Da molle Estupidez já me acomette;
 Já começo a sentir os seus effeitos.
 Mas já hum éstro de repente agita
 A minha phantazia: Eu vejo, eu vejo
 Da nossa Academia ao grande Pateo
 Chegar contente a numerosa Tropa.
 Entre alguns hé levada a Deosa Augusta.
 A hum soberbo, e magestoso Throno;
 Gemem debaixo d'elle afferrolhadas
 A sciencia, a razão, o desabuso.
 Poem-se em socego os assistentes todos;
 Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
 A' Deosa pede huma comprida venia:
 Em barbaro Latim começa ufano
 A tecer friamente hum Elogio

A' sua Protectora, e nelle mostra
 O quanto he indecente que nas Aulas
 Em Portuguez se falle, profanando
 A Sacra Theologia, e as mais Sciencias.
 Que em forma syllogistica se devem
 Os argumentos pôr: Sem Syllogismo
 Não sabe como possa haver verdade.
 Nisto gasta mais de hora, e em fim conclue,
 Animando que sejam sempre firmes
 Na fé, que devem a tão alta Deosa.
 Levanta-se depois o grão Pedroto,
 Que de Prima a Cadeira em Leis occupa,
 Com a Beta estendida, a mão no peito,
 Prostra-se em terra, e sua venia pede
 A' molle Estupidez, que muito folga
 De ver hum filho seu com tal presença,
 Tão cheio de si mesmo, tão inchado
 E começa a fallar com voz d'estalo:
 Com a esquerda acciona, e co' a direita,
 Que estende as mais das vezes sobre o peito;
 Sua em mostrar a grã Genealogia
 Da Nobre Deosa, a quem louvar pertende:
 A sua antiguidade patentea;
 Faz depois Elogio nunca ouvido
 Ao Direito Romano, e no remate
 Concorda em tudo com o seu Collega.
 Vem depois o Reitor, jura por todos
 Submissa obediencia, e lealdade;
 Da molle Estupidez poem na cabeça
 Huma importante Corôa cravejada
 De finissimas pedras do Oriente:

As mãos lhe beja logo reverente,
E manda a todos que outro tanto fação.
Os Oradores vem, offerece hum delles
A discreta Oração de Sapiencia;
O outro o mesmo faz da sua Analyse
Do parto septi-mestre he Obra prima.
Hum bando de Theologos rançosos
Depois acóde; e hum delles assim falla,
Parece que Bezerra se appellida.
Soberana Senhora, a vossas plantas
Tendes rendido por vontade, e gosto
A porção principal do Vosso Reino:
As portas das Sciencias nós guardâmos,
Por que, sendo as palavras distinctivo,
Que dos bructos separa a especie humana,
Eu creio que só nellas déve o homem
Da vida hir empregar seus curtos dias.
A mocidade feliz assim levâmos
Nesta bella Sciencia industriada.
Quando a mesma palavra se repete
Ou duas, ou tres vezes lhe ensinâmos
O nome, que isto tem, quantas apostrophes
Pode o Exordio levar, sem ser notado.
Nestas cousas, e n'outras semelhantes
De sorte os engolfâmos quo surprezo
Fica o gosto, se o tem, as vans Siencias,
Que servem de cançar o espirito humano.
O' bom filho, insisti nesse Systema,
Que, por ser verdadeiro, mais me agrada,
Abraçando-o lhe disse a Divindade.
Vem outros: e hum Varão muito aceado

Hum Livro traz na mão' mui' do'radinha:
 O' Deosa singular, a quem respeito,
 Esquecido da minha fidalguia:
 Este Poema fiz, que Joaneida
 Por nome tem; humilde v'ol'o off'reço:
 Dignai-vos acceitar a minha offerta.
 O' meu Morgado, quanto sou contente
 Da tua offerta, ve-l'o-has com o tempo.
 Aqui ao pé de mim quero te assentes,
 Para mostrar o quanto te venero.
 Assenta-o junto a si a Divindade.
 Dos Estudantes vem a turba immensa; [nho.
 Hum lhe off'rece huma flor, outro hum bichi-
 Hum ninho de pardal, hum gafanhoto,
 Da Historia Natural suados fructos.
 Outro vem todo afflicto mil queixumes
 Formando contra hum tal, que lhe usurpára
 A gloria de fazer já sete Maquinas,
 Que sobirão ao ar com bom successo.
 Filhos amados, lhe replica a Deosa,
 Esse vosso cuidado me consola,
 Esse desvelo de juntar cousinhas
 São lindas, são bonitas bem recreião
 Huma alma, como a vossa tão sensivel:
 Proseguí nesse estudo; Eu vos prometto
 A minha Protecção em toda a vida,
 E ao queixoso diz: Sinto deveras
 Que tenhas essa causa de tristeza;
 Mas olha, hum bom remedio, outras de l'ovo
 Faze, que lá irei mesmo em pessoa
 Assistir, e fazer justiça inteira.

Os Doutores vem logo por seu turno
Vassalagem render, e vão passando.
A molle Estupidez brinca entretanto
Com os lindos aneis do bom Morgado,
Que afflicto não quizera ter tal honra,
Receando que alli se descobrisse
Que cabello não he, mas que lhe cobre
A luzidia calva Cabelleira,
Por que em menos não préza o ser bonito,
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos;
Mas, chegando o Fogoso, fica a Deosa
Assombrada de ver tal catadura,
Não menos carregada, que a de hum Touro,
Que sopra, e para tráz a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria rematada
A geral confissão de vassalagem:
Em paz gozai, a Deosa assim profere,
Da Minha Protecção, do Meu Amparo;
Proseguí, como sois a ser bons filhos,
Que a mesma que-hôje sou, heide ser sempre.

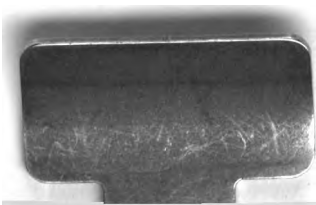


THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
ART AND
ARCHITECTURE
OF THE
METROPOLITAN MUSEUM OF ART
1000 MUSEUM AVENUE
NEW YORK, N. Y. 10028

89075105296



B89075105296A



89075105296



b89075105296a